

O ethos e sua aparente sinceridade: a constituição argumentativa do discurso político em debate presidencial

Ethos and its apparent sincerity: the argumentative constitution of political discourse in presidential debates

José Magno de Sousa Vieira¹
Universidade Federal do Maranhão

♦ **RESUMO:** O objetivo deste trabalho é analisar as marcas enunciativas materializadas no discurso político, examinando como o Sujeito de enunciação valida seu ethos através de estratégias argumentativas. Para desenvolvimento da análise, foram exploradas noções como: sujeito, ethos, discurso e argumentação. Os pressupostos teóricos foram fundamentados em Benveniste (2005; 2006) referente a teoria da enunciação; Ducrot (1987) acerca das leis discursivas; Orlandi (2009) no tocante a noção de sujeito e discurso; Maingueneau (2015) na constituição do ethos. Quanto à metodologia, neste trabalho foram analisadas dezesseis sequências discursivas (SDs) oriundas de dois debates políticos televisionados, em que se buscou aplicar as teorias mencionadas. Os resultados obtidos permitiram através de embreagens, vislumbrar a posição do sujeito de enunciação dentro do discurso analisado, como ele constitui e reconstitui seu ethos a fim de validar seus enunciados. Além disso foram explicadas as estratégias argumentativas que os sujeitos de enunciação utilizaram para mostrarem um ethos sincero.

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** Sujeito de enunciação. Ethos. Discurso.

♦ **ABSTRACT:** The objective of this work is to analyze the enunciative marks materialized in the political discourse, examining how the Subject of enunciation validates its ethos through argumentative strategies. For the development of the analysis, notions such as: subject, ethos, discourse and argumentation were explored. The theoretical budgets were based on Benveniste (2005; 2006) referring to the theory of enunciation; Ducrot (1987) about discursive laws; Orlandi (2009) does not touch the notion of subject and discourse; Maingueneau (2015) in the constitution of ethos. As for the methodology, in this work sixteen discursive sequences (SDs) from two televised political debates were followed, in which we sought to apply the mentioned theories. The results obtained allowed, through clutches, to glimpse the position of the enunciation subject within the analyzed discourse, how he constitutes and reconstitutes his ethos in order to validate his utterances. In addition, the argumentative strategies that the enunciation subjects used to show a sincere ethos were explained.

♦ **KEYWORDS:** Subject of enunciation. Ethos. Discourse.

¹Doutor em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (2022). Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Piauí - UFPI (2017). Tem Especialização Lato Sensu em Linguística e Ensino (2015) e Graduação em Licenciatura Plena em Letras - Português pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI (2014). É Professor Adjunto - A, Nível 1, regime de Dedicção Exclusiva, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, junto à Coordenação do Curso de Letras Bacabal (Licenciatura em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas) - CCLB do Centro de Ciências de Bacabal - CCBA. E-mail: magnoreute@bol.com.br.

Algumas linhas sobre as circunstâncias de nosso interesse

O homem, ao se apropriar da língua, como sujeito de enunciação coloca-se na cena das significações do enunciado. O sujeito enuncia e materializa seu dizer de forma única e individual, acarretando em seu discurso um caráter subjetivo, advindo da sua própria condição de sujeito assujeitado pelo tempo, espaço e história.

Neste trabalho o sujeito de enunciação está inserido no discurso político. É a partir desse sujeito que se busca compreender como ele movimenta o seu enunciado, constrói seu *ethos* e como o refere a partir de embreagens que materializa no discurso para convencer o interlocutor.

O que se objetiva com esse trabalho é compreender como o sujeito de enunciação se constitui e constrói seu *ethos*, tomando como base o discurso político, adentrando nas estratégias argumentativas utilizadas que objetivam persuadir o interlocutor (eleitor).

O objeto dessa pesquisa materializa-se no discurso político oriundo de dois debates eleitorais televisionados pela Rede Globo de televisão no mês de outubro de dois mil e quatorze (10/2014) ocorridos em dois momentos: primeiro turno (02/10/2014) e segundo turno (25/10/2014)².

Foram selecionadas sequências discursivas (SDs) a partir das falas dos candidatos à presidência da República Aécio Neves e Dilma Rousseff extraídas do primeiro turno e do segundo turno das eleições presidenciais de 2014. Os dados linguísticos são provenientes do último debate presidencial, de cada um dos turnos, realizado pela TV Globo. Apregoamos que o estudo do discurso político se justifica pela necessidade de abordar o que está além das palavras ditas por aqueles que detêm o poder de tomar decisões que regem as leis de uma sociedade.

Esboçando um conhecimento sobre nosso objeto de discurso

Ao evidenciar a distinção dos termos frase e enunciado, Ducrot mostra que um enunciado pode ter mais de um responsável. Considerando que o locutor seja o responsável por um enunciado, o enunciador pode também desempenhar tal função, inclusive de um mesmo enunciado. A enunciação, portanto, é composta de um discurso em que é possível identificar outras vozes, evidenciando a comprovação de polifonia dada por Ducrot, que está voltada para o enunciador. O mesmo afirma que esse tipo de polifonia é bem comum, uma vez que “... é frequente que se encontre em um discurso a voz de alguém que não tenha as propriedades que atribui ao locutor” (DUCROT, 1987, p.191). Com isso o autor começa a desenvolver sua teoria em que o enunciador é bastante evidenciado.

Para efetivar sua tese, Ducrot tece uma rede de diferenciações entre sujeito e enunciador, ele os difere no teatro e em narrativas, sobre várias perspectivas dentre elas a ironia e a negação. Seus postulados nos levam a subjetividade na qual o enunciador está envolvido.

² Disponível em: G1. Eleições 2014, São Paulo, 3 de out.2014. Disponível em:<<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/transcricao-debate-presidencial-2-turno.html> > Acesso em: 16 de abril de 2018.

Pensando em uma perspectiva de articulação teórica deslocamos nosso interesse para a Análise de Discurso no intuito de compreender como a língua produz sentidos que se fundamentam no fato de que os sujeitos dizem atravessados pela história.

Em suma, a Análise de Discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentido, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. (ORLANDI 2009, p.26).

Ao analisar um determinado discurso por um viés que visa descobrir como se produz sentidos, como a história afeta o sujeito e como esse sujeito se relaciona com o(s) sentido(s) presentes nesse discurso, a autora consolida o objetivo da análise de discurso (doravante AD). Ela enfatiza que dado um material de análise o analista, dependendo do que deseja formular, mobiliza conceitos que são particulares a sua formação social. “Uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição do material” (ORLANDI, 2009, p.27).

A autora explica que devido a isso embora o dispositivo teórico seja o mesmo o analítico é diferente, isso porque o analista como mencionado antes, mobiliza conceitos individuais que estão ligados à sua compreensão teórica de vários campos de saber como: da linguística, política, antropologia, sociologia, religião dentre outros, para a partir daí entender como se deu a produção de sentido de dado discurso integrando a sua finalidade de análise.

Orlandi explica que as condições de produção compreendem os sujeitos, a situação e memória. Podem-se considerar essas condições de produção em sentido estrito: temos o contexto imediato que são as circunstâncias da enunciação. Em sentido amplo faz-se necessário incluímos o contexto sócio-histórico, ideológico. O que se pode deduzir é que, de posse de um dado discurso, a primeira “leitura” que fazemos conseguimos interpretá-lo automaticamente, identificando elementos (enunciativos), como o local onde a faixa estava inserida e o momento, que era de eleições.

O contexto amplo é o que traz para a consideração dos efeitos de sentido elementos contidos na nossa sociedade, como é o caso da política, como a sociedade aborda o assunto, que relevância esse tema tem para a grande maioria das pessoas. Isso foi observado na prática quando a autora inferiu que a cor negra remete a uma intimidação, assim como a palavra medo. Esses elementos não são identificados num contexto imediato, pois, requer do analista uma leitura do que não está escrito.

Da construção do *ethos* discursivo do sujeito de enunciação

Maingueneau (2015) propõe compreender melhor as problemáticas do discurso tecendo teorias relacionadas ao *ethos*. Para tal, parte do conceito elaborado pela tradição retórica que destaca elementos como a ética e a moral sendo características essenciais que o orador precisa ter para influenciar o auditório. O palestrante assim como seu conteúdo verbal deve parecer sincero para a plateia. Essa sinceridade não está atribuída ao caráter particular do orador, e sim ao que ele fala, ou seja, a validação do *ethos* está no discurso proferido pelo sujeito e não no sujeito em si. O processo de convencimento através de dados ou de argumentos está intimamente ligado à imagem que o sujeito constrói de si, garantindo a identificação com a plateia.

Maingueneau (2015) baseado nos preceitos de Aristóteles diz que para o orador inspirar confiança deveria mobilizar através de sua fala três qualidades fundamentais: a

prudência, a virtude e a benevolência. Ficando assim a competência reservada ao orador de escolher as palavras e argumentos que culminem no sucesso de sua oratória. O autor acrescenta que para lograr êxito é levado também em conta elementos, exterior a fala como gestos e trajes usados pelo orador. Observa-se que o *ethos* está relacionado com uma imagem construída de um locutor que nada tem a ver com o caráter pessoal da pessoa. Essa imagem é fruto do empenho do locutor em parecer sincero discursivamente.

Maingueneau nos chama atenção para o fato de que não basta o locutor caracterizar sua imagem sem levar em consideração sua plateia: “O *ethos* não age no primeiro plano, [...], mobiliza a afetividade do destinatário” (MAINGUENEAU, 2015, p.14). Com isso o autor aponta para a adequação por parte do locutor ao lançar-se como benevolente virtuoso e prudente sem antes examinar sua plateia.

Outro fato que Maingueneau (2015) postula é que além da eloquência reservada à oralidade, o *ethos* pode ter uma abrangência a todo tipo de texto.

Todo texto escrito, mesmo que o negue, tem uma “vocalidade” que pode se manifestar numa multiplicidade de “tons”, estando eles, por sua vez, associados a uma caracterização do corpo do enunciador (e, bem entendido, não do corpo do locutor extradiscursivo), a um “fiador”, construído pelo destinatário a partir de índices liberados na enunciação (MAINGUENEAU 2015, p.17-18).

Quando o autor fala do tom que um texto escrito pode expressar, ele relaciona esse elemento ao discurso produzido por um locutor que desperta no leitor o elemento fiador que tem a autonomia para implantar a subjetividade nesse discurso, ou seja, a figura do fiador investe-se do social com vistas para o que tem ou não prestígio. O fiador, portanto, torna seu enunciado legítimo, afastando-se da ideia de uma enunciação na qual o enunciador é pré-estabelecido.

Sendo o fiador o corpo do enunciador, o leitor se encarrega de lhe atribuir um padrão de comportamentos. A partir daí o poder de persuasão que um discurso desperta no sujeito está intimamente ligado à esse padrão selecionado pelo ouvinte ou leitor de tal discurso.

Sujeito e subjetividade

A existência do EU é condicionalidade da existência do TU, pois, em uma relação de diálogo há a reversibilidade dessas categorias suscitadas por uma necessidade de respostas, a exemplo de uma conversação. É essa “troca” de papéis que garante a subjetividade defendida por Benveniste, pois segundo ele: “O “eu” não denomina, pois nenhuma entidade lexical” (BENVENISTE, 2005, p.288). Com isso infere-se que o elemento citado se refere à pessoa linguística e não física. Quando o sujeito disponibiliza elementos como as categorias de pessoa, tempo e espaço, abarca a subjetividade da língua.

A noção de ideologia tratada no viés da linguagem consiste em apontar no discurso marcas históricas e sociais que atravessam o sujeito. No momento em que o sujeito se posiciona mediante um exposto, sua interpretação advém de uma ideologia. Orlandi (2009) diz que não há sentido sem interpretação e a ideologia se materializa na interpretação, na relação do sujeito com a língua e a história. Há nesse processo uma naturalidade que é deferida pela evidência, colocando o homem numa relação imaginária com suas condições materiais de existência.

Orlandi (2009) fala que as evidências do sujeito somadas ao esquecimento levam esse sujeito a crer que não está assujeitado a uma ideologia. O sujeito pensa ser o titular

do seu discurso. Como referido o sujeito é um substrato social percorrido pela história, boa parte do seu discurso é consequência de sua constituição.

Discurso e argumentação

Benveniste (2005) elabora a teoria da enunciação que consiste em passar da língua para fala. O autor insere na fala um locutor que está mediado por categorias linguísticas que ligam uma situação de comunicação e de movimento. Sua pesquisa relaciona os pronomes pessoais EU e TU, categorias atuantes da enunciação. Além disso, em Benveniste (2005) o discurso possui a capacidade de produzir reciprocidade, dando *status* linguístico ao locutor. “Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco” (BENVENISTE, 2005, p.286). Essa relação discursiva com o outro propicia ao falante utilizar elementos morfossintáticos no ato da sua fala para que cause o efeito desejado.

Orlandi (2009) diz que é através do discurso que o homem assegura sua existência enquanto ser social. A autora acrescenta que, que o fato de o discurso se constituir a partir do homem interagindo com outro homem, é papel do analista identificar como se constitui essa relação, como ela produz sentido. Entende-se que a contribuição da autora se fundamenta na análise do corpus dessa pesquisa, pois, é pretendido identificar como se constitui o sujeito e como ele constrói sua argumentação.

A argumentação que se pretende trabalhar nesta pesquisa é a que se filia ao discurso, pensando o sujeito. Sendo o sujeito o condutor da argumentação, seus argumentos estão atrelados a sua vivência de mundo, são historicamente determinados.

A interação social por intermédio da língua caracteriza-se fundamentalmente, pela argumentatividade. Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízo de valor. Por outro lado, por meio do discurso, tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por esta razão que se pode afirmar que *o ato de argumentar* constitui o ato linguístico fundamental, pois, *a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia*, na acepção mais ampla do termo (KOCH, 1983, p.7[grifos da autora]).

A autora reforça a interação do homem com o social e coloca essa interação como sendo substancialmente ligada a argumentação. É da natureza humana estabelecer relações uns com os outros de interagir socialmente por meio do seu discurso. Observamos a linguagem sendo posta em movimento pelo sujeito que transmite sua ideologia usando a argumentação como um meio de convencimento. Persuadir a plateia usando um discurso convincente é o objetivo do enunciador que através de modalizadores gerencia seus atos de fala para o convencimento dos interlocutores.

Segundo Perelmam (1970, apud KOCH, 1983), “A argumentação visa a provocar ou a incrementar “a adesão dos espíritos”. A autora enfatiza o caráter de persuasão que a argumentação possui. O autor citado por Koch faz um paralelo entre os atos de convencer e persuadir:

Enquanto *o ato de convencer* se dirige unicamente a razão, através de um raciocínio estritamente lógico e por meio de provas objetivas, [...]. *O ato de persuadir* procura atingir a vontade, o sentimento, dos interlocutores, por meio de argumentos plausíveis ou verossímeis e tem caráter ideológico, subjetivo, temporal, dirigindo-se a um auditório particular. Perelmam (1970, p.8, apud KOCH, 1983 Koch (1983, p.8, apud PERELMAM, 1070 [grifos meus]).

O texto citado nos revela dois comportamentos distintos dentro da argumentação: um baseado na lógica, portanto, objetivo; O outro ideológico, portanto, subjetivo. Há uma questão muito importante a ser percebida com o conceito dos comportamentos referidos; trata-se da produção e recepção discursiva. Enquanto o primeiro ocupa-se de fatos verídicos e objetivos, seus discursos possuem o princípio da universalidade e abarca com maior amplitude uma plateia. O ato de persuadir por sua vez trabalha a linguagem por meio de estratégias seus discursos são direcionados á uma plateia particular, o orador tem o conhecimento prévio de tal plateia, assim busca alcançar seus sentimentos.

A modalidade epistêmica como estratégia argumentativa

A modalidade caracteriza-se como uma avaliação do sujeito acerca da probabilidade da evidência do que se está enunciando” Halliday (1985), (apud NOGUEIRA, 2013, p.69).

A decisão tomada pelo sujeito em seu discurso é medida por expressões linguísticas que atestam um engajamento ou não, com enunciado proferido, certificando a presença de modalizadores.

Modalidade epistêmica está relacionada ao comprometimento do falante com a verdade do enunciado validado pela própria enunciação. A modalidade em questão desprende o falante do valor de verdade do seu enunciado e liga-se ao eixo da crença e do conhecimento. Para que esses valores sejam identificados é necessário identificar estruturas utilizadas pelo falante. Neste trabalho pretende-se desenvolver uma perspectiva funcional da linguagem, adotando aspectos semânticos da língua, para tal faz-se a opção pelo uso de modalizadores morfológicos e sintáticos.

De acordo com Guidarelli e Santos (2010, p.50, *apud* VIEIRA 2017): “A modalidade epistêmica, assentada no eixo do saber, do conhecimento, expressa a avaliação do falante sobre a probabilidade de ocorrência de um estado-de-coisas, situada em um contínuo que vai do certo até o possível.” Pode-se inferir do parágrafo que dado um discurso é frequente uso da modalidade epistêmica, pois, trata-se de como o sujeito se apresenta diante do seu discurso.

O falante faz o gerenciamento do que deve ou não ser dito no momento de sua fala. Por o falante está monitorando seu discurso entende-se que ele se afasta do valor de verdade do conteúdo desse enunciado, colocando-o no nível da predicação, essa seleção se dá pela escolha dos marcadores linguísticos.

Vieira (2017) se ancorando em Dall’Anglio-Hattnhe (1996), nos informa que o falante pode escolher entre duas instâncias da modalidade epistêmica. Uma situada no nível da predicação em que ele se utiliza dos meios linguísticos para fornecer ao seu co-enunciador a descrição de um enunciado, assim a descrição cumpre o papel de apenas dar a descrição daquilo que o falante tem como provável ou possível. A segunda se fundamenta na proposição, o falante utiliza os meios linguísticos para expressar sua atitude. Nota-se que no nível da predicação o falante mante-se á margem do dito ele faz uso de citações, parafraseia com o objetivo de não ser de fato responsabilizado pelo seu dizer. Já no nível da proposição podemos notar que o falante se assume como fonte do seu dizer.

Gestos de análise: o sujeito da enunciação na investida sobre no *corpus*

Apresentam-se a seguir SDs, do candidato Aécio Neves, nas quais pode-se observar um sujeito que está imerso em ideologias e convicções que o leva a creditar na ideia que propaga em seu discurso.

[SD 1> Eu acredito e acredito muito que podemos fazer um governo transformador. Eu me preparei para isso];

[SD 2> Eu, se eu puder vencer essas eleições e ser lembrado com uma marca, eu digo a todos os brasileiros, quero ser lembrado como o presidente que revolucionou a educação no Brasil. Vocês tiveram doze anos e nada aconteceu. Eu governei Minas..., por oito anos, e levei Minas Gerais,... , a ter a melhor educação fundamental do Brasil.].

Nestas SDs podemos observar o caráter subjetivo da linguagem, pois, é quando o locutor se mostra como sujeito, como detentor do seu dizer que requer a condição de pessoa. Ao requerer tal condição esse sujeito é assujeitado por diversas situações: social, história, condicionalidades temporais etc.

Podemos constatar que o Sujeito de enunciação Aécio presente se mostra compromissado em desempenhar com brio o cargo de presidente da República. Notamos que esse sujeito ao usar a embreagem **transformador** se anuncia como capaz de modificar algo que julgado por ele precisa de uma transformação. Aqui podemos inferir como a história afeta esse sujeito pelo critério da escolha da embreagem **transformador**, fazendo com que ele reproduza um discurso que não é seu. Desde a implantação da república no Brasil à eleição do primeiro presidente através do voto direto, os candidatos fazem alusão a um governo **transformador**.

O Sujeito de enunciação Aécio da SD materializa seu discurso escolhendo palavras como: **transformador e preparei**, para qualificar-se como o candidato mais adequado a ocupar a presidência da República.

Observamos que é característico do discurso político que os candidatos marquem nos seus enunciados palavras que expressam firmeza e as emprega de uma forma que percebemos que seu objetivo é incutir na opinião pública a ideia de que ele se preparou para o cargo que almeja. O Sujeito de enunciação Aécio, ao se anunciar como **transformador e preparado**, almeja realizar duas conquistas: encontrar apoio na opinião pública e derruir a influência do opositor sobre essa mesma opinião pública. Observamos com isso que para um candidato político não é suficiente que encontre apoio na opinião popular, é válido também que a imagem política do seu oponente seja comprometida.

[SD> Não houve governo que combateu mais a corrupção que o meu, não escondi debaixo do tapete, não varri e não engavetei. Demos autonomia para o ministério público investigar.];

[SD> Vocês em oito anos fizeram onze escolas técnicas federais. Nós, candidato, fizemos 422. O Lula, 214, e eu, 208. O meu número é só 1.600% maior do que vocês fizeram em oito anos.];

[SD> Se eu for eleita, vou construir mais tantas creches quanto forem o necessário].

As SDs destacadas acima foram retiradas do discurso da candidata Dilma Rousseff no primeiro e segundo turno respectivamente. Podemos observar que o sujeito se coloca firme no que diz. Dessa maneira não se pode atribuir sentido ao discurso da SD tomando como escopo apenas a palavra. O sentido de uma palavra é seu emprego, e desconectando as palavras de sua organização sintática não encontraremos sentido.

Nota-se que esconder, varrer, engavetar são verbos utilizado em um tópico frasal que não remete sentido se não lermos toda frase e aplicarmos em um contexto. Tomemos por base o fato de que a frase se fundamenta na significação e o enunciado no sentido.

Desta maneira é satisfatório concluir que na SD comporta mais de uma interpretação, principalmente quando não leva em consideração o contexto e levamos a interpretação para o sentido literal.

Na SD do Sujeito de enunciação Dilma percebemos que o discurso se pauta na defesa, o sujeito se ocupa em dar explicações sobre o caráter ético de sua administração. Sobre essa assertiva vale ressaltar a conduta desse tipo de discurso político que delega boa parte do seu sentido a explicações, podendo funcionar como uma tática argumentativa da candidata Dilma, quanto do candidato Aécio. Se ambos os candidatos querem desviar a atenção de seus discursos para longe de algo que os comprometa, recorrem a esse tipo de discurso falacioso que imprimem em sua maioria polêmicas envolvendo denúncias.

Chamamos a atenção para o que manifesta o Sujeito de enunciação Dilma na SD, quando percebemos que se trata de uma resposta as acusações fomentadas pelo candidato Aécio da SD.

Observamos que o candidato Aécio diz que a candidata Dilma teve doze anos para fazer algo pela educação e não fez **nada**, a resposta da candidata Dilma está materializada nos números da SD:

[SD> Vocês... fizeram onze escolas... Nós,... fizemos 422. O Lula, 214, e eu, 208. O meu número é só **1.600%** maior do que vocês fizeram em oito anos.]

Observamos que há uma discrepância de valores quantitativos manipulados pelos sujeitos das SDs O “**nada**” utilizado pelo Sujeito de enunciação Aécio contrasta com os “**1.600%**” utilizados pelo Sujeito de enunciação Dilma.

Ao levarmos em conta que a linguagem faz parte da natureza do homem, e a capacidade que o homem tem de dessa associação tirar proveito quando se torna sujeito e converte a linguagem em discurso, percebemos que há uma relação de trocas. O homem está para a linguagem como a linguagem está para o homem, ambas equilibradas enquanto dependência. O resultado dessa relação está por conta de cada sujeito enquanto usuário dos recursos oferecidos pela linguagem.

Quando confrontamos os discursos dos Sujeitos de enunciação Aécio e Sujeito de enunciação Dilma das SDs constatamos que para um sujeito assegurar tal posição, precisa regularmente avaliar o que produz, pois sua posição é constantemente colocada á prova. Uma vez perdida tal posição esse sujeito passa a ser um parasita e como tal tem suas capacidades limitadas. Podemos observar que o Sujeito de enunciação Aécio colocou a posição do Sujeito de enunciação Dilma á prova quando afirma que a candidata **nada** fez pela educação. Quando o Sujeito de enunciação Dilma se pronuncia trazendo uma estatística de **1.600%** a mais de feitura derrui o discurso do sujeito de enunciação Aécio e o condiciona situação de parasita.

Na SD podemos inferir que o Sujeito de enunciação Dilma é o enunciador de seu discurso e mostra-se comprometida com que diz. Pode-se dizer que esse sujeito assevera o que diz sem fazer uso de personagens para o seu dizer. Caracterizando o quando fala da autoridade polifônica, em que mostra o locutor íntimo do sujeito e introduz em seu discurso uma voz que é sua, portanto ele mesmo é o sujeito enunciador.

Análise da categoria *ethos* discursivo

No presente tópico analisa-se a construção do *ethos* discursivo de Aécio e Dilma. Enfoca-se especificamente a

no modo em que dois sujeitos de enunciação constroem discursivamente imagens de si no discurso político. A validação do *ethos* se atinge quando o sujeito constrói uma imagem que assegura sua idoneidade.

[SD> Eu deixei Minas Gerais com 92% de aprovação, porque eu levei Minas a ter a melhor educação fundamental do Brasil. Eu tratei das pessoas];

[SD> E nós vamos subsidiar, sim, programas sociais que têm alcance na vida real, na vida das pessoas. Nós não vamos fazer é o bolsa empresário que ajuda apenas um grupo muito restrito de brasileiros em detrimento da grande maioria. Fique tranquila, candidata, fiquem tranquilos brasileiros, porque nós vamos avançar e avançar muito mais também no programa habitacional];

[SD> Quem tem responsabilidade e compromisso com o controle da inflação, com a gestão profissional dos bancos públicos somos nós. O seu governo deve à Caixa Econômica Federal mais de R\$ 10 bilhões, deve ao Banco do Brasil R\$ 8 bilhões no crédito safra, porque seu governo descontrolou a economia do país, candidata, essa é a realidade incontestável.].

O Sujeito de enunciação Aécio atesta sua competência enquanto gestor público, citando uma estatística com quase cem por cento de aprovação em uma das mais importantes “pastas” constituintes de um Estado [Eu deixei Minas Gerais com 92% de aprovação, ...]. Ao fazer uso desses dados estatísticos o sujeito mostra compromisso com o que diz, pois, o que se materializa discursivamente é o resultado de uma pesquisa em que foram ouvidas pessoas, ou seja, seu enunciado está ancorado na opinião pública. Dessa forma, o sujeito faz veicular através do seu discurso uma imagem de gestor que se compromete com a educação, que faz um Estado prosperar e, portanto, fará também com que a nação próspera se eleito for.

Note que o Sujeito de enunciação Aécio se mostra envolvido com as pessoas, complacente no trecho que diz: [EU tratei das pessoas]. O verbo tratar escolhido pelo sujeito para praticar a ação do enunciado exerce o papel de embreagem por reportar muito bem a carga semântica do enunciado, pois, ao escolher tal verbo esse sujeito faz com que a plateia o veja como um gestor disposto a cuidar, acolher as pessoas que são carentes de tais afetos.

A SD expõe um sujeito que exaure o propósito do *ethos* discursivo. Observamos logo no início, a ênfase que esse sujeito usa ao retomar sua ideia quando emprega o - sim – reforçando a ideia expressa pelo verbo **vamos** [E nós vamos subsidiar, sim, ...]. É possível se perceber uma excitação por parte do Sujeito de enunciação Aécio da SD por ele movimentar no seu enunciado **nós vamos subsidiar sim**. Essas embreagens materializadas pelo sujeito referido nos permitem interpretar que o uso das mesmas está relacionado com a necessidade desse sujeito tem que seu dito tenha credibilidade, ele busca com a escolha ser aceito como capaz de desenvolver programas de cunho social. Podemos inferir que a postura do sujeito da SD é fomentada pela oposição, pois, na sequência do enunciado o sujeito diz que **não fará é o bolsa empresário**, o que caracteriza uma crítica direcionada a oposição.

[Nós **não vamos fazer é o bolsa empresário...**], mediante essa materialização percebemos claramente que esse discurso possui um caráter de justificativa e denuncia que se dirige para um EU acusador. Percebe-se o crescente interesse do sujeito da SD em agradar uma plateia que é sensível as causas populares, esse sujeito constrói seu *ethos* apregoando na plateia que partilha dos seus valores.

O Sujeito de enunciação Aécio da SD continua arrolando fatos como a exposição de dívidas contraídas durante a administração de Dilma na intenção de por em cisma um público que precisa escolher um governante. Para dá uma credibilidade maior as suas denúncias o sujeito busca na exatidão que os números oferecem e relata: [O seu governo deve à Caixa Econômica Federal mais de R\$ 10 bilhões, deve ao Banco do Brasil R\$ 8 bilhões...]. O que se pode atestar que a construção do *ethos* discursivo está voltada para uma autovalorização do sujeito, que busca denegrir a imagem do seu oponente,

catalogando provas pra que o público acredite que ele é justo, e verdadeiro, pois, tanto ele prova com números sua capacidade enquanto gestor, quanto usa os números para provar a incapacidade da oposição que tenta se reeleger.

Observemos a seguir como se dar a construção do *ethos* discursivo do Sujeito de enunciação Dilma Rousseff. Para isso foram selecionadas três SDs, sendo uma oriunda do primeiro turno e as seguintes do segundo turno.

[SD> Nós somos um dos poucos países do mudo, candidato, que fornece remédios de graça. Veja o senhor que isso é compromisso com a saúde do povo, com o interesse público.]; [SD> No caso da inflação, o senhor pode ter certeza, candidato, é meu compromisso o controle da inflação. (...) Quem não mantinha a inflação dentro dos limites da meta, sem o senhor apesar de agora desconhecer o governo Fernando Henrique.]; [SD> Vocês em oito anos fizeram onze escolas técnicas federais. Nós, candidato, fizemos 422. O Lula, 214, e eu, 208. O meu número é só 1.600% maior do que vocês fizeram em oito anos.].

Não se pode negar que o Sujeito de enunciação Dilma da SD se mostra comprometido com o bem-estar da população, constrói seu *ethos* sob uma alegação que principia a exclusividade de um programa que oferece medicações essenciais de forma gratuita para a população. Observamos que é mobilizando a afetividade da plateia que o sujeito faz repercutir um *ethos* caridoso. O Sujeito de enunciação Dilma da SD direciona seu enunciado para o candidato de oposição, afirmando que sua ação consiste em algo quase que exclusivo, quando conclama que é um dos poucos países do mundo que distribui gratuitamente medicação. Com isso o sujeito pretende fazer com que seu opositor concorde com sua ação caridosa, para que a partir daí ateste sua capacidade de ser aceita, deslocando para seu lado quem tem uma posição contrária.

Na SD, o Sujeito de enunciação Dilma age com um direito de resposta, ou seja, quando inicia seu enunciado usando a expressão: **No caso da inflação**, percebe-se que não é a primeira vez que esse sujeito foi confrontado com o tema. O assunto não lhe é indiferente e tece a resposta usando um respaldo de compromisso assumido, usando as embreagens **certeza e compromisso** para validar seu discurso comprovando que está disposta a resolver um percalço colocado em evidência. O discurso da SD funciona como uma estratégia argumentativa que consiste em transferir para o opositor erros de terceiros.

No discurso do Sujeito de enunciação Dilma afirma com veemência que controlará a inflação: [... pode ter **certeza**, candidato, é meu **compromisso** o controle da inflação.], traz para a cena enunciativa a figura do ex-presidente Fernando Henrique e constrói seu *ethos* negando êxito ao candidato Aécio assim como fez o sujeito de enunciação Aécio na SD que teceu acusações contra a oponente. Essas acusações desferidas pelo Sujeito de enunciação Dilma embora não seja relacionada diretamente ao candidato, faz parte de uma estratégia do sujeito para revidar a denúncia que sofreu, pois o governo detentor de uma administração com descontrole da inflação foi de acordo com ela, Fernando Henrique Cardoso que está para o sujeito Aécio como um “padrinho” político.

O objetivo do sujeito, ao trazer para a cena enunciativa o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, se fundamenta no propósito de incutir na plateia a suspeita de que o mesmo modelo de administração volte a funcionar, se o candidato Aécio for eleito. O *ethos* do Sujeito de enunciação Dilma da SD progride à medida que a candidata associa a imagem do seu opositor a um político de baixa popularidade. Essas trocas de acusações entre políticos é uma prática discursiva comum dada às circunstâncias de um debate eleitoral. Na SD podemos verificar tais acusações no uso das embreagens **não mantinha e agora se nega**; a negativa do verbo manter está referindo-se à incapacidade do governo de FHC no controle da inflação.

Percebe-se que os sujeitos usam os números para dar base as referidas SDs. Quando os Sujeitos optam por uma estratégia argumentativa que evidencia o valor de verdade do enunciado marcando neles fatos exatos como os números, pretende validar seus enunciados aplicando a modalidade epistêmica, modalidade essa que será mais bem identificada no tópico a seguir.

O Sujeito de enunciação Dilma revela uma quantidade de instituições construídas por a já mencionada administração de Fernando Cardoso, essa quantidade torna-se inferior quando o sujeito divulga uma quantidade bastante superior de feitura em sua administração: [Vocês 11 escolas (...) nós, (...) 422.].

O que se segue nessa SD é uma estratégia que o sujeito usa para evidenciar sua superioridade, quando expõe um número significativo de obras e faz um resgate da administração do ex-presidente Lula que é para o sujeito Dilma um exemplo a ser seguido. Com isso observamos que esse sujeito constrói seu ethos a partir de elementos exterior a ele. Veja que ao incluir a participação de ex-presidentes na cena enunciativa o sujeito oportuniza a plateia tirar suas próprias conclusões de qual presidente foi o melhor para a nação.

A progressão do *ethos* do Sujeito de enunciação Aécio continua na mesma linha de estratégia, o ataque, aqui o sujeito acusa a candidata de improbabilidade administrativa, arrematando seu discurso fazendo denúncias de dívidas contraídas pela candidata Dilma. Essa abordagem de discurso audaz não é indiferente ao Sujeito de enunciação Dilma, apesar de serem evidentes algumas discrepâncias.

Na SD o Sujeito de enunciação Dilma se ocupa em construir seus argumentos baseado em se explicar, só no final da SD 5.2 o sujeito lança uma denúncia que tem fundamento fragilizado, pois, o alvo da mesma tratar-se-á de um governo que já não ocupa o cargo há mais de uma década. Na SD o Sujeito de enunciação Dilma continua com o mesmo argumento de comparar feitura. Esse sujeito faz seu discurso chamar atenção da plateia porque os números que este usa são copiosos quando comparados aos da oposição.

Análise da modalidade epistêmica

O sujeito de enunciação busca através de seu enunciado argumentos para convencer o interlocutor (eleitor) de que o que ele diz e acredita é verdadeiro. Nesta análise buscou-se identificar a modalidade epistêmica a partir do que cada sujeito de enunciação disse, iremos apresentar SDs que nos permitam a partir de embreagens identificar a ocorrência do conhecimento epistêmico.

[SD> Eu deixei Minas Gerais com 92% de aprovação, ...];

[SD> O seu governo deve à Caixa Econômica Federal mais de R\$ 10 bilhões, deve ao Banco do Brasil R\$ 8 bilhões no crédito safra, porque seu governo descontrolou a economia do país, ...].

O Sujeito de enunciação Aécio introduz em seu enunciado uma estatística de aprovação. A assertiva que esse sujeito busca está materializado nos números relativamente altos e por isso propenso a cumprir com o propósito de supervalorar sua própria posição, enquanto governador de Minas. A embreagem **92% de aprovação** usada faz com que o Sujeito de enunciação Aécio trilhe por um caminho que nos permite inferir que o comprometimento que esse sujeito mantém com o seu dito está no nível da proposição.

Deparamos com um Sujeito acusador. O Sujeito de enunciação Aécio recorre novamente aos números para demonstrar que a candidata de oposição Dilma é uma má

administradora. Interessante notar que o sujeito usa uma materialidade linguística contundente para asseverar o que diz. As emblemas “**deve**”, “**10 bilhões**” e “**8 bilhões**” configuram o valor de verdade que impetra a denúncia, mais precisamente quando esse sujeito escolhe o verbo **dever**. E como complemento de sentido desse enunciado aparecem a exatidão oferecida com a exposição dos números são expostos demonstrando sua ordem de grandeza contida na ordem dos **bilhões**.

A escolha do sujeito em trabalhar com essa ordem de grandeza (10 bi, 8 bi) faz com que percebamos que seu objetivo incute em implantar na plateia a gravidade da denúncia impetrada por ele. É importante salientar que no discurso político é comum esse tipo de escolha, pois, os números sempre chamam a atenção para fatos noticiados.

Quando o Sujeito de enunciação Aécio opta por fazer denúncias utilizando como argumento os números, podemos constatar que sua intenção é que o valor de verdade do seu enunciado seja validado por essa descrição. Como mencionado antes essa escolha de argumento é uma manobra comum utilizada no discurso político a saber os números falam por si só, caracterizando assim uma modalidade epistêmica ancorada na predicação.

Diferente do que ocorre na SD em Sujeito de enunciação Aécio que também recorre aos números o faz de maneira que se estabeleça como responsável por seu enunciado, ou seja, a estatística exposta por ele se remete a ele mesmo, ele é detentor de quase cem por cento de aprovação enquanto governador de Minas Gerais e é ele quem anuncia o fato, pois, ao atribuir estatísticas quantifica a sua popularidade espera conquistar o apoio da opinião pública.

[SD> Nós criamos um Bolsa Família para cinquenta e seis milhões de pessoas. No passado ele era apenas para cinco milhões, ...];

[SD> Vocês em oito anos fizeram onze escolas técnicas federais. Nós, candidato, fizemos 422. O Lula, 214, e eu, 208. O meu número é só 1.600% maior do que vocês fizeram em oito anos.].

Sobre o Sujeito de enunciação Dilma, podemos constatar que a mesma intenta através do enunciado materializado cujo objetivo é de manter compromisso com o dito, sua intenção tem interesse prévio de marcar seu discurso com a modalidade epistêmica, configurando um compromisso com o que manifesta em seu enunciado. Observemos que há uma recorrência por parte do candidato Aécio e da candidata Dilma no tocante a escolha argumentativa que está pautada em estatísticas, números.

Quando o Sujeito de enunciação Dilma relata a abrangência de um programa social ela o faz reivindicando o feito a **Nós**, isso se deve ao fato, de que o número (6 mi) utilizado por esse sujeito trata-se de uma somatória que se torna evidente à medida que a SD progride. O **nós** funciona como uma emblema revelando que o sujeito em questão inclui na sua cena enunciativa os números de outro governo. Essa estratégia permite ao Sujeito de enunciação Dilma a ampliação de um número que ela usa a seu favor.

O que ocorre com o Sujeito de enunciação Dilma não é diferente, observe que esse sujeito mais uma vez usa os números a seu favor. O que nos chama a atenção é que o sujeito se mostra mais enfático e não hesita em falar o nome de Lula. Repare que a mesma revela no início do seu enunciado uma quantidade irrisória (11) de feitos relacionados ao candidato da oposição. Só depois é que esse sujeito apresenta uma quantidade (422), sendo 214 de feitos pertencentes ao governo de Lula e 208 do seu governo. Como podemos observar o Sujeito de enunciação Dilma traz para sua cena enunciativa o apoio de Lula porque é conveniente, pois, isso lhe confere um embasamento maior do seu dizer.

É importante destacarmos que apesar do Sujeito de enunciação Dilma trazer para seu enunciado a presença de Lula, ela não o responsabiliza pelo enunciado, sua participação trata-se de um artifício encontrado pelo sujeito para validar seu próprio enunciado. A figura de Lula funciona como o elemento fiador do enunciado. É importante

salientar que o elemento fiador que esse sujeito traz para sua cena enunciativa é uma estratégia argumentativa que visa explorar a superestimação que o fiador possui perante a plateia. O Sujeito de enunciação Dilma recorre ao elemento fiador Lula como uma estratégia que visa exaltar sua própria imagem.

Um Sujeito de enunciação que reconfigura seu *ethos*, muda suas táticas argumentativas:

[SD> Eu não sou hoje mais o candidato de um partido político, eu sou o candidato da mudança, essa mudança que você e sua família querem ver no país, mudança de valores, mudança na eficiência do estado e, principalmente, na generosidade com que o governante deve tratar os brasileiros.].

O Sujeito de enunciação Aécio reconfigura seu *ethos*, pois sua tática discursiva se afasta de um sujeito que conduz o enunciado fomentando denúncias contra sua oponente política e passa a conduzir seu enunciado produzindo sentidos que buscam tocar o sentimento de acolhimento da plateia. Esse sujeito percebe que o caminho mais breve para validar seu enunciado é estimular na plateia sentimentos que manifestam compreensão, pois, esse sujeito mostra-se engajado e associa a própria posição com valores positivos.

As embreagens **hoje** e **mais** atestam que o sujeito reconfigurou seu discurso, reconstituiu seu *ethos*. Observe que esse mesmo sujeito diz:

Nós vamos avançar e avançar muito

e

Nós temos compromisso e responsabilidade.

O Sujeito de enunciação Aécio avalia que subestimar a oposição, põe em suspense negativo sua imagem, quando ele diz que não é mais um candidato de um partido político, seu objetivo é desvincular sua imagem de um partido ao qual a figura do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso é constantemente referida pela oposição como uma associação ao candidato Aécio. O Sujeito de enunciação Aécio segue o caminho inverso do Sujeito de enunciação Dilma que elege Lula como o fiador do seu enunciado. Com essa tomada de decisão o sujeito incute na plateia que não servirá aos propósitos de um partido alegando que seu compromisso é com o povo.

Essa estratégia argumentativa usada pelo Sujeito de enunciação Aécio busca a adesão de ouvintes que não se identificam com a figura do ex-presidente Fernando Henrique. Ao fazer essa escolha de discurso o sujeito pretende ganhar a atenção de uma plateia que seguramente aprova um candidato que abre mão de políticas partidárias para servir à população.

Podemos observar a embreagem **mudança** que esse sujeito utiliza com veemência. Observe que inicialmente ele manipula a embreagem de modo que o sentido a ela atribuído se torna vago, pois, o fato de dizer que será o candidato da **mudança** não significa dizer que essa mudança trará benefícios. Observemos que quando esse sujeito faz a retomada do vocábulo **mudança**, ele não destitui seu significado, apenas o faz ressignificar e direciona-o fazendo com que seu sentido aponte para mudanças relacionadas ao país, valores, eficiência do Estado e generosidade.

A postura adotada pelo Sujeito de enunciação Aécio é fomentada no *ethos* reconfigurado desse sujeito que usa o social como vestimenta, caracterizando a validação da modalidade epistêmica, pois, os elementos linguísticos **país, valores, eficiência do Estado e generosidade** nos permite observar a ocorrência de gradação. Nessa podemos dizer que o a validação do enunciado está no nível da proposição, observe que o sujeito

está convicto do que fala, ele não aponta elementos externos, não faz referências, é um sujeito que se mostra contagiado com o que diz.

O sujeito de enunciação Dilma incorpora em seu discurso um sujeito que se volta para o social, buscando uma interação com a plateia. Trata-se de um sujeito que se mostra engajado com o que fala: **Nós vamos fazer 6 mil creches, duas mil já entregamos....** Quando o sujeito coloca seu enunciado no nível da proposição atestamos que ele sempre assume a responsabilidade pelo que fala, como pudemos averiguar nas expressões destacadas.

É importante salientar que é conveniente apontar essas diferenças de táticas argumentativas envolvendo um mesmo sujeito de diferentes SDs, pois, assim os resultados parciais apontam para uma tendência recorrente no discurso político. Podemos destacar que embora haja discrepâncias como cada um deles conduzem seus enunciados pudemos constatar que tanto o Sujeito de enunciação Aécio quanto Sujeito de enunciação Dilma mostram-se comprometidos com seus dizeres, asseverando seus enunciados e evocando testemunhas. Seus discursos estão ancorados no que eles acreditam, portanto, balizados na crença.

Algumas considerações

Abordamos através de embreagens as marcas que identificamos como o sujeito constitui e reconstitui seu *ethos*, verificamos como os indivíduos do mundo candidatos à presidência inserem-se na instância de discurso enquanto sujeitos de enunciação acionando argumentos que intentam persuadir o interlocutor (eleitor).

O discurso político que serviu de *corpus* para essa pesquisa foi retirado de dois debates eleitorais televisionadas. Examinando o conteúdo escrito das falas dos candidatos à presidência da República Aécio Neves e Dilma Rousseff.

As SDs que reportam os discursos dos candidatos mencionados possibilitaram, através de embreagens, identificar como o sujeito de enunciação materializa seu discurso, os mecanismos linguísticos utilizados por ele para validar seu dito e se parecer sincero.

Os resultados desta análise discursiva explicam que os discursos de candidatos políticos estão centrados em táticas argumentativas que possam garantir a adesão do eleitor, bem como associar a imagem do seu oponente a valores negativos. Foi observado que à medida que as eleições se aproximam os candidatos tornam-se argumentativamente mais enfáticos.

O discurso estruturado em um acontecimento como o que foi analisado, o debate presidencial ecoa a disputa no ato do dizer, trazendo à tona a pergunta pecheuxtiana sobre a própria natureza do discurso e a esta pergunta é possível inferir uma resposta ao dizer que o discurso político é estrutura e é acontecimento. Por meio dele os sujeitos enunciam. Locutor diz ao auditório que pode concordar, concordar e aderir ou discordar daquilo que o enunciador, sujeito de enunciação candidato, apregoa inserido na história, na memória, no discurso, na linguagem, na língua.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas SP: Pontes 2005.
DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito** p.89 Campinas SP: 1987.

KOCH, Igedore Grunfeld. **Discurso e Argumentação**. Letras de hoje, v. 16 n° 2 p.8, 1983.

MAINGUENEAU, D. **A propósito do ethos**. In: MOTTA, Ana. Raquel; SALGADO, Luciana. (orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

VIEIRA, José Magno de Sousa. **A propagação de uma ideia: embreagens paratópicas constituintes do ethos do sujeito de enunciação niilista no discurso literário de Memórias do Subsolo**. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Piauí, 2017.

VIEIRA, Jose Magno de Sousa. O valor de verdade na instância enunciativa: a crença e o saber enquanto constituintes da modalidade epistêmica. **Ininga** v. 4 n°1. Jan./jun.2017 p.95

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.

Como citar este trabalho:

VIEIRA, J. M. de S. O ethos e sua aparente sinceridade: a constituição argumentativa do discurso político em debate presidencial. **Traços de Linguagem**, v. 6, n. 2, 65-79, 2022.
